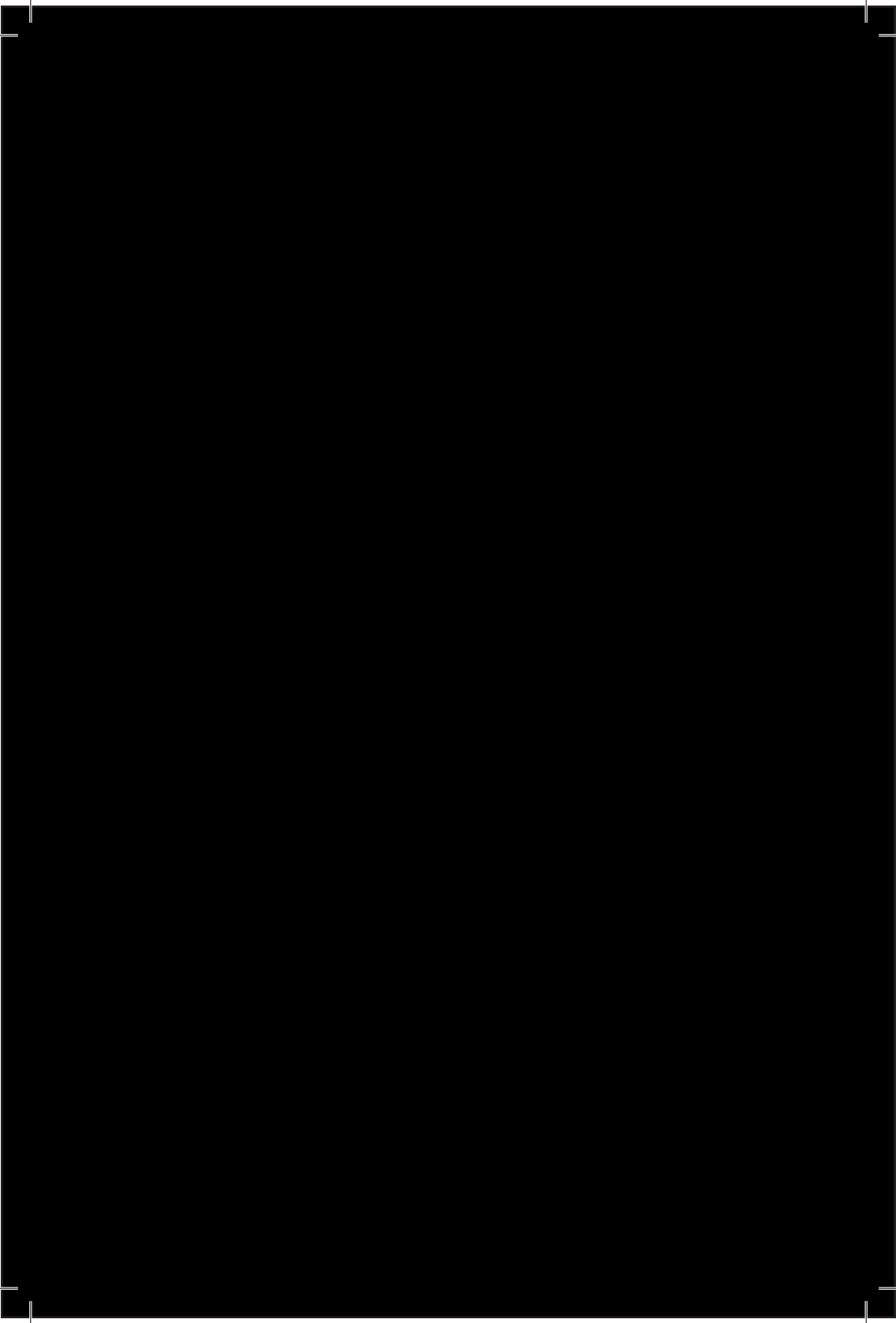


CÓLERA



# *Cólera*

*Jonathan Tavares*

*Vencedor do Prêmio Minas Gerais de Literatura*



AGORA QUE ESTOU SEM DEUS posso me coçar com mais tranquilidade. Antes, antes era muito difícil, ia me coçar e pensava NÃO DÁ TEMPO HÁ INFINITAS TAREFAS PARA REFAZER, pensava outras coisas também, mas a que me doía mais era NÃO DÁ TEMPO e outra A MATÉRIA DO TEMPO SE ESGOTA, DEUS ME VÊ.

*Hilda Hilst, O oco, 1973.*



PARTE I



Isto é o que lhe cabe saber de mim: não é por necessidade que eu uso estes óculos de pernas bambas na ponte do nariz. É por pura lógica — qualquer intelectual que preze pelo respeito de seus semelhantes deve ter uns graus de miopia. O problema visual é o estigma do bom artista, assim feito o casulo cinzento é o passado de qualquer borboleta.

Será que isso bastava? Seu questionário já havia me desraizado da língua respostas íntimas, e esperei que a sinceridade calasse o falastrão. Mas, pelo contrário, pareceu instigado a aperfeiçoar seus dotes para a entrevista e quis saber o que eu fazia para encher os bolsos. Respondi que me meto a escritor, como todo bom falso míope, mas que não me autorizo a grandes aspirações literárias. Por quê? Bem, porque se um dia os meus romances adentrassem as insípidas classes de literatura moderna, eu não pensaria duas vezes antes de engatilhar uma trinta e dois automática no céu da boca e (estalei, sarcástico, os lábios). Fora isso, sou ornamentador funerário, porque preciso comer. Não, não é como um maquiador de defuntos, detesto o termo. Agora, sim, agora isso é o que serve saber de mim. Pensei que poderia ficar em paz, ouvindo os tiques da tesoura fina que rasava, como um aeromodelo, em torno das minhas orelhas, mas o barbeiro perguntou quantos anos eu tinha. Sua inquisição me pôs pensativo por um momento. Respondi, conferindo o relógio de pulso por baixo da capa sintética que impedia os restolhos de cabelos de caírem no meu colo, que estávamos a vinte e dois dias de comemorar meu meio século e um ano de existência.



Quando anunciei em voz alta, o assombro da idade se experimentou real; o reflexo no espelho foi anuviado pela inutilidade das minhas lentes. Mas, mesmo depois de tirados os óculos, a cara duplicada no vidro permanecia turva. Esfreguei as pálpebras no dorso da mão e voltei a encarar o gêmeo, preso detrás do vidro; ainda confuso. Era como se meus olhos fossem objetivas conduzidas por um cinegrafista de pretensões suspeitas, filmando-me fora de foco por uma espécie de joguete artístico. O barbeiro atrás de mim, no entanto, continuava perfeitamente discernido enquanto podava minha juba branca. Seu longo nariz de ponta vermelha, que fungava incomodado por uma mosca luzidia, me lembrou uma raspadinha coberta de calda. Só o meu duplo na sua frente continuava intangível, como um espírito que é incapaz do reflexo.

O homem franzino, interrompendo o abre-e-fecha da tesoura depois de golpear um fio de cabelo especialmente resistente, perguntou se estava bom. Eu menti que estava tudo bem e que minha perturbação era só por conta de um resfriado que não tinha sido totalmente extirpado dos pulmões. Ao notar que o barbeiro se referia ao corte, e não ao meu estado de confusão, pedi que ele abaixasse mais uns dois dedos, deixando meus tufos bem juntos ao veludo róseo da cabeça.

Algumas mutucas, irmãs daquela que rangia em volta do rosto do barbeiro, voavam contra a única lâmpada do teto. Suas sombras baças dançavam nas dobras do meu pescoço. O sol amarelo salpicava o pote da espuma de barba, brilhando a haste plástica do pincel que descansava dentro da vasilha de ferro. Incapaz de aparar meus cabelos em silêncio, o homem passou a fazer comentários rememorativos sobre a sessão de comédia que ele tinha pegado por acaso no cinema e que, mesmo após uma semana, ainda o fazia rir. O que *me* divertia, no entanto, era a permanência de um pensamento obscuro, mas singular:

se na cadeira da barbearia eu era o fantasma, fiquei pensando onde estaria meu corpo. Pelo canto do olho (evitei mexer a cabeça com medo de fazer a tesoura escapar), eu vi a rua cinza-escura ferver sob o resto de tarde que já se oprimia pela noite. Imaginei um segundo Bartolomeu caminhando distraído lá fora, calmo como quem boia. Um carro, cortando a avenida aos cento e vinte por hora, levando um rapaz imprudente cravado ao volante, não veria a forma porcina do velho se formando rapidamente sobre o para-brisas. Passaria por cima de mim, fatiando em meia dezena de pedaços.

Todo mundo na calçada ouviria o som dos meus ossos craquelando contra o capô. O fêmur rasgaria para além da carne flácida, provocando um jorro vermelho, hidrante de sangue. Um hidrante real acertado na confusão também faria o seu jorro, este de água, sobre os curiosos. Minhas escápulas atropeladas se torceriam dentro das axilas, e os braços estirados formariam uma angulação esquisita, de anjo gótico, sobre o asfalto sebento de gasolina e lubrificante. Minhas pupilas moribundas seriam tomadas pela bruma talhada e as imagens perderiam sua nitidez quando a brancura me fechasse toda a visão. O que sobraria como herança seria só meu par de óculos inúteis, tortos sobre o meio-fio.

Perdendo a continuidade desse pensamento, senti uma picada no canto da nuca. O barbeiro, provavelmente desastrado por causa das coisas que tagarelava, desgovernou a navalha e me feriu. O filete de ferrugem quente escorreu até os meus ombros e eu levantei de sobressalto, correndo até a pia de canto — o cabeleireiro me pedia perdão sob o seu nariz rosa. Abri a torneira esperando me lavar, mas só uma cascata ridiculamente fina gorgolejou do cano. As gotas se espatifaram, depressivas, na bacia do lavabo.

Um homem insólito passou pela porta da barbearia, tocando o sino que ficava pendurado no alto; fez um cumprimento, mas eu não respondi. Pus os óculos de míope nos olhos não-míopes e saí rosnando de ódio contra o barbeiro, anunciando o mesmo sino que o recém-chegado havia batido. Perturbado pelo cheiro de loção e talco que ainda me acompanhava e sentindo a dor da navalhada quase que na carótida, entrei no bar apertado do outro lado da rua. Estendendo os cotovelos sobre o balcão de pedra granito, desembolsei um maço de grana e pedi para a copeira um refrigerante de soda e uns chicletes. Ela me deu um punhado das guloseimas e a bebida que, mesmo recém-saída do claustro gélido do refrigerador, ainda estava morna. Recebi o troco na mão aberta, esbarrando de propósito no seio dela enquanto recolhia meu cobre.

Novamente na rua, a noite despencava do céu como bolas de estrume, batendo pastosa e fresca no passeio. Não houve nenhum acidente automotivo naquela tarde, senão aquele nas brenhas da minha criação. Depois de todo o calor, um chuvisco não custou para despenhar e, tentando debandar antes que a chuva ganhasse grossura, um mendigo bateu no meu braço, derubando a soda nas minhas calças. Fiz valer o lenço que andava no bolso. Apoiei na banca de madeira de um sebo para conseguir equilíbrio enquanto esfregava na flanela os sapatos melados; ia manchar o couro. Já injetado pela raiva, vi que um dos livros expostos na loja, custando muito mais do que valia sua capa vulgar — um casal, nudez em exposição, expressões de arrebatamento em seus rostos e um título igualmente estúpido —, carregava em letras garrafais a opinião de um crítico de sobrenome conhecido. E aqui mais uma coisa que cabe saber de mim: certa vez, eu fui lido por esse mesmo homem. E ele me deu uma, de cinco estrelas possíveis. Ao lado da única forma estrelada colorida de

dourado, as outras quatro, vazias como poços de água desativados acima da coluna do jornal, pareciam fazer escárnio de mim.

Lancei com um tapa a lata de refrigerante, deixando que tombasse sobre um amontoado de sacos de lixo escorado na envergadura de um poste. Acontece que, no local de despejo, habitava outro mendigo, que protestou quando recebeu a latada no meio da testa; ele me disse que não era caçamba. Dei palmadinhas sobre os meus óculos e aclarei algo sobre serem novos, que eu estava enxergando mal por conta disso, mas em silêncio gozei do engano.

Enquanto caminhava de volta para casa, a escuridão se intensificou e as lanternas urbanas foram acesas por mãozorras invisíveis, transformando a rua preta em um palanque cor de toranja. Na meia-luz, vi a poça de melaço começando a corroer meu sapato. Minha cabeça ardia a enxaqueca da semana inteira. Odiei um transviado que passou do meu lado, impossível de se dizer tanto homem quanto mulher. Odiei a chuva que caía sobre mim como caspas translúcidas. Quando chegasse em casa, procuraria consolo na terceira gaveta. Tive um momento de codeína ou morfina?

Pisando no carpete de entrada do prédio, odiei o entusiasmo no olá do porteiro. Abri o apartamento, usando a chave mais gasta presa ao chaveiro de madeira, e vi lá dentro a fuça enxerida da minha ex-mulher — o diabo vinha cumprindo seu trabalho sem descanso. Abaixada, ela estalava os dedos para o cachorro. Definitivamente, seria morfina.

Úrsula, como uma mãe que espera acordada a filha adolescente chegar de uma falsa festa, repreendeu-me sem nem carcer do contato visual. Entretida com as lambidas viscosas do animal virado de patas para o alto, ela perguntou se eu tinha visto o doutor Chaves — é claro que ela já sabia que eu viria

com uma negativa. Eu disse que a chuva havia me encontrado no meio do percurso e que por isso estava encharcado e não pude me consultar. Penetrando os meus olhos com os seus pontiagudos, ela sinalizou, em um simples adejar da cabeça, que os meus cabelos estavam cortados. Pus a mão na nuca, como se pudesse esconder o feito, e lorotei que tinha passado no barbeiro de costume para ficar apresentável, já que doutor Chaves era um homem de cacife. Dei as costas para ela e para o cachorro, mas senti seu julgamento de longe. Abrindo a janela emperrada da sala de estar com dois trancos, olhei a rua agitada embaixo, onde faróis de carros incineravam o asfalto e uma faixa estreita de grama bordeava o passeio. Uma nuvem, e era das grandes, circulava o meu edifício cor de fuligem como se o protegesse em seu algodão e eu atinei, em um instante de distração, que poderia tocá-la. Queria atender ao impulso e me entregar à sua maciez, deitar em seu abraço branco, chapado de comprimidos.

Estou falando com você, disse a minha ex-mulher de repente, com raiva, tirando a minha atenção da buzina persistente de um táxi. Ignorando sua repreensão, perguntei se gostaria de beber ou comer, mas ela se negou. Fui aprontar um sanduíche de patê.

A nuvem também era visível pela pequena abertura vítrea da cozinha; ficava me convidando a mergulhar de cabeça. Caso abrisse os braços para a insanidade por um segundo mísero e me lançasse de cabeça naquela fumaça... Sei que as nuvens não são fortes o bastante para dar conta do peso e sobrepeso de um homem, como nos fazem acreditar os desenhos animados e as histórias de ninar. Eu acabaria caindo na rua. O mesmo carro daquela tarde voltou a circular, veloz, na minha imaginação. Quem sabe ele me esmagaria depois que eu estabacasse, dirigindo para frente e depois de marcha a ré, não deixando

resistir o menor dos meus ossos. No que você está pensando, perguntou a vigilante Úrsula ao aparecer no batente da porta. Dei um pulo alto. Olhei para o seu rosto, redondo e branco como um pão de queijo mal-assado, e senti vontade de enxovalhar até sangrar.

Só me aliviei do estresse quando ela me disse que aquela era a última vez em que insistia comigo para qualquer coisa, e que por isso iria embora e não me ligaria mais. Fazendo carinhos no cachorro antes de pegar a bolsa sobre o sofá, ela quis sinalizar o quanto o cão era mais digno de cuidados do que o ex-marido. Após, saiu com um estrondo, em outra demonstração de infantilidade. A porta ficou tremendo no batente.

Deixado sozinho, os refletores da minha atenção jogaram sua luz acurada sobre aquele fato que crescia dentro de mim — eu tinha vinte e dois dias para morrer. Estava certo de que tudo deveria acontecer, limpa e organizadamente, antes dos meus cinquenta e um anos de idade. O suicídio era um embrião que eu gestava devagar; computava a data para o parto.

Fiquei pensativo por mais um tempo, espichando o olho para o jardim do prédio, sujo de folhas secas de violeteiras. A chuva vinha chegando às minhas bandas e o jardineiro se adiantava, babando de permanganato as plantas antes de o céu se esta-bacar. Entediado da cena, fui para a frente da tevê. Apertei o botão vermelho do controle, liguei no noticiário das seis. Vi cenas de um engavetamento com mortos de sangue PAL-M e as imagens borradas de censura ainda revelavam, para o espectador atento, a realidade interior dos defuntos — vísceras, tripas. Quatro deles estavam desmantelados e distendidos, enquanto o repórter impassível explicava o acidente, sinalizando horários exatos e nomes de ruas entrecruzadas.

Entrecruzei meus olhos nos do meu reflexo. Encarando à esquerda o espelho de esquadros quebrados que enfeava a parede, finalmente entendi as minhas formas engorduradas no vidro. Voltei a me reconhecer, como um reencarnado que tem vislumbres momentâneos da vida anterior. Era um homem excêntrico, de fachada ruim e com olhos que pareciam uns guaranás abertos. O corte do cabelo não ficou bom, parecia mordido de traça.

Eu me sentia exausto. Fui perdendo lentamente a consciência dos nervos, despercebendo a existência. Sentia que eu era um artefato à mercê do meu próprio espírito. Inquieto, andava até o parapeito com pernas anestesiadas, passava ali alguns minutos de contemplação da avenida e depois voltava ao sofá. Os movimentos se repetiram até quando o sono me intimou à cama. Coberto no edredão, ouvindo de longe o som do televisor que tinha esquecido ligado nas notícias, sentia minha cabeça como um albergue de fantasmas. Cada um vagava em seu isolamento, murmurando coisas abafadas que me enlouqueciam. Queria morrer naquele dia. Esquemática na minha lógica particular, a obrigação era tão sólida quanto um teorema. O suicídio não era só um sentimento corriqueiro nem era um clamor estulto por socorro; era algo de mais parecido com um músculo, com certeza o tecido mais firme que palpitava dentro do meu corpo mole. Essa fibra tremia dia e noite e eu tinha espasmos indômitos e câibras terríveis. Talvez por ser tão exercitado pela morbidez dos meus desejos, o músculo suicida hipertrofiou e me saiu — macerou minhas margens e represas — e agora estava exposto, tamborilando como um coração de boi. Meu órgão batucava sem descanso, querendo morrer naquele dia. morrer naquele dia.

E não é que eu tivesse em minha posse uma lista de razões para a morte; simplesmente faziam falta as razões para viver.

E não é que me faltasse o amor ou que nunca houvesse estado em intercurso com a felicidade. Não é que nunca houvesse amado Úrsula ou que abominasse por completo a sua companhia; é que os pés das nossas fantasias haviam trilhado passarelas distantes que não se encruzilhavam, e no fim das contas as ambições se desencontraram — percebemos que a vida conjunta não era para nós.

O sucesso da separação se deve especialmente à minha independência. O talento para estar em solidão é um dos meus íntimos orgulhos, mas eu esperava me deparar um dia com uma presença feminina que me entorpecesse, arredasse meus interesses mórbidos — só assim estaria livre da jaula onde havia estado a vida inteira acuado. A prisão em questão era meu apartamento de dois quartos, no qual eu cumpria minhas necessidades básicas, quando não afundado no trabalho ou na labuta dos romances. Desde o início, eu sabia que Úrsula não se interessava por ser a mulher decente que eu ambicionava, mas me achava vocacionado para mudar seu jeito. Fui tolo. Havíamos nos conhecido no ambiente absurdamente masculino de um bar, o que me impediu de lhe dar credibilidade no início, já que, como os exemplares barbados do lugar, ela mantinha as pernas abertas e apagava cigarros em cinzeiros colados às mesas. Eu bebia um uísque vagabundo quando os dedos dela, feito o feijão folclórico que se transforma instantaneamente em grelo e logo em árvore cheia de galhos, brotaram e se ramificaram em volta do meu copo. Dobrados os dedos em torno do uísque, suas enormes unhas tocavam umas nas outras, enfeitadas por pequenos diamantes de plástico que eu acho que são algum tipo de moda juvenil.



Ela se assentou na banquetta ao meu lado e começou a tecer uma conversa frívola, obviamente planejando me costurar no seu enredo e, se o seu fiar tivesse sorte, partiríamos para uma noite de ardência. Usava vestido, o que lhe contava pontos favoráveis no meu placar mental, mas ele revelava toda a sua coxa através das fendas laterais, o que tornava negativos todos os bônus. Sua idade variava entre os trinta e os quarenta anos, a depender do tom da iluminação que recendia sobre ela. Quando entornou a minha bebida com o cotovelo arqueado para o alto, era uma jovem espertinha de traços rústicos, seus lábios formando um círculo sensual visível no fundo do copo; mas, ao bater o vidro vazio sobre a bancada, seu rosto se eclipsava por duas profundas covas roxas e ela parecia cansada de viver. O prazer de uma mulher madura também me interessava, coisa que me manteve sentado, esperando seus próximos golpes. As sombras toldavam a sua face com mistério e ela, no escuro, iluminou um cigarro, segurando-o em um sorriso levado. Depositei minha boca em sua orelha e perguntei seu nome. Sem responder, ela, pelo contrário, aproveitou para me questionar: qual era o meu nome? Respondi: “É Bartolomeu”. E ela pareceu satisfeita sabendo apenas isso de mim, como um bandido a quem só interessava o meu ouro suado. Nós emudecemos rápido, ambos incapazes de criar um assunto para quebrar o constrangimento.

Toda vez que suas pupilas caíam nas minhas, ela gargalhava manhosa. Tentava uma sedução fácil, de menina, mas que estava em desalinho com sua idade. Seus sorrisos eram sem razão e durante nosso primeiro contato eu a tive como uma mulher vazia e desinteressante. Mas ela se satisfez com o nosso momento; a excitação de estar com os desconhecidos era claramente o que a divertia. Seus seios eram grandes e chacoalhavam, como guizos em coleiras de animais domésticos, quando

ela cismava de rir para o acaso. Não descobrimos nenhum fato interessante acerca um do outro, mas a sua tática de conquista estava dando sólida amostra de resultado, porque o meu romântico interior já queria dar para Úrsula a noite de carícias que ela explicitamente ansiava. O garçom desceu outro uísque para o cavalheiro, mas desta vez também bateu um copo para a dama, que agradeceu. As caixas de som, emitindo brilhos de diferentes cores, tocavam músicas ruins e ela martelava seus pés grandes contra o escoro horizontal do banco. O salto alto era vulgar como o das animadoras de palco de programas dominicais, mas as pernas eram bonitas, fazendo um balanço flácido quando bruscamente cruzadas. De minha parte, careciam os cabelos na cabeça, circulada apenas por uma estreita faixa de fios que ia de uma têmpora a outra. Minhas sobranceiras ralas, mas especialmente expressivas, davam saltos de interesse quando Úrsula chacoalhava suas duas protuberâncias dentro do vestido. Meu lábio superior é tão fino quanto o de baixo, minha boca é apertada como a de quem lambe sal e o nariz simiesco quase oblitera todo o buço, caído que está por conta da ascendência incontrolável da idade. Já ela tinha uma bela e minúscula boca, não muito recheada, mas que lembrava a de uma boneca chinesa. Na realidade, tudo nela me fazia recordar uma miniatura em porcelana. A sua carne era branca como papel sulfite, mas as bochechas gordas pintadas de vermelho pareciam ter sido acendidas por dentro por uma rede de luzes natalinas; sua testa era grande e oleosa, os olhos tinham o formato de um retângulo com dois pingos dentro. A sobranceira era bosquejada a lápis preto e o seu cabelo curto era da mesma cor, um piche tão intenso quanto a tinta das máquinas de datilógrafo. Ela repartia o penteado no meio da cabeça, quase rococó. Sua aparência era levemente sindrômica e faltavam o queixo e as orelhas.

Movia-se sem muita classe. Deixou cair de propósito umas guimbas nos meus joelhos, para que pudesse limpá-las com um toque impudico. Quando nos defrontamos em meio à conversa, ela fez como se fosse me beijar. Várias vezes ela me provocou com a menção de um beijo que nunca se concretizava, porque ela afocinhava na direção da mesa quando chegava muito perto da minha boca sedentária. Provocado pelos seus gestos, eu sabia que deveria levá-la para casa e cumprir meu dever viril. Ela parecia convidativa e obviamente interessada; logo estava deixando suas coxas roliças rastejarem entre as minhas pernas — como numa brincadeira de passa-anel, em que a menina que chefia o jogo escorre suas mãos juntas no meio das palmas amigas e, em uma delas, mais querida, larga o adorno.

Por volta da uma da manhã, trinta minutos após termos nos encontrado, subi com ela para o meu apartamento, um ato de louca ousadia ao qual o recluso Bartolomeu não estava acostumado. Poucas pessoas podiam adentrar meu santuário. Os amigos não me faziam falta e as fisiologias nunca me incomodaram; por isso, ninguém partilhava do meu sofá. Estranhei quando, incisiva e indiscreta, ela perguntou onde ficava o meu quarto. Tocou no livro que dormia profundamente sobre o meu gaveteiro; era um romance de minha autoria, mas menti dizendo que estava lendo um amigo de longa data — vale manter o pseudônimo. Rapidamente entediada após conhecer toda a mobília do quarto, Úrsula se fartou na minha cama e, de nuca apoiada contra a dureza da cabeceira, deu tapas no colchão, me convidando para chegar perto. Desabotoado da camisa, fruí com ela nos lençóis que eu bem conhecia. Às vezes, era distraído por uma mancha descolorida na roupa de cama, quase invisível, mas ainda cheia de histórias, que eu sabia se tratar de molho de tomate derramado. Outra, amarelada, era mel que tinha caído de um pão doce na primeira dentada.

Enfim com uma mulher, passei a ver o meu universo sob novas perspectivas e tudo me parecia diferente. Os cômodos tinham se encompridado e os barulhos da rua gradativamente aumentavam. Eu tinha a impressão de ouvir a respiração afoita de um cachorro dentro de um carro, com a cabeça para fora, ou o peso dos pés pisando os aceleradores. Não demorei a me acabar, liberando um berro satisfeito e um suspiro que há muito tempo tinha fenecido dentro de mim. Por fim, eu respirava em solavancos e sentia uma fome animal. Minha parceira rolou para o lado, bateu gordurosamente as suas patas no soalho e, ainda fechando o sutiã de bojo, olhou-me entre seus cabelos amarfanhados. Parecia ter envelhecido enquanto nos embolávamos nas trevas, como se eu tivesse mamado a sua energia vital. Estendendo-me a mão, Úrsula disse o preço da nossa meia hora de amor.

Um frêmito de raiva me esquentou e eu senti uma veia rachando na testa. Não acreditava que havia dormido com uma prostituta e que ela havia me enganado, aquela dissimulada! Mesquinha! Quis matá-la, mas não podia porque os vizinhos ouviriam tudo naquele prédio, as paredes eram finas como seda.

Abrindo uma gaveta sem tirar o ódio de cima daquela mulher, peguei algumas notas e pus o maço embolado em suas mãos. Ela foi embora de sapato na mão e fiquei sozinho, refletindo. Eu mesmo me pego em delírio: o que um homem de bem, o que o correto Bartolomeu, essa figura boêmia e gentil, pensava quando decidiu pelo matrimônio com uma prostituta? O fato é que eu sofro de uma triste duplicidade, um sofrimento que me força à autodestruição — há quem diga altruísmo. Não fosse pelo meu gosto masoquista, quem sabe eu nunca houvesse subido ao altar. Percebi logo que o que me atraía nela era também o que eu abominava; ela era mulher demais, em excesso, transbordada da própria feminilidade. E por isso mesmo eu

gostaria de contê-la, ensiná-la os meus valores e sorver o que lhe restava da perversão; cumprir a incumbência marital. Não sabia por onde começar, como convencê-la de que sua pele lívida era mais apresentável sem o oloroso pó de arroz, de que suas pálpebras rasas não mereciam aquela purpurina.

Eu era o sofredor do pior tipo, um bicho trágico por natureza, sempre em queda pelas piores escolhas. Esse meu desacerto datava dos tempos remotos, quando eu ainda era aquele Bartolomeu de canelas finas no uniforme de colégio.

Não digo que a morte tenha sido um desejo a vida toda, mas tive sempre a consciência dessa finitude. Quando criança, eu passava longos momentos encarando o fundo do prato vazio antes de a janta ser posta e, como se de frente para a bola de cristal legítima, via refletida no fundo do objeto a certeza de que iria morrer. Quando meu pai me servia uma colherada do borrachudo purê de batatas, ele, sem saber, aliviava o meu agouro. Logo meu destino impresso nos pratos era encoberto por costelas de boi respingando óleo, por carcaças de frango meio roídas que meu pai não queria mais. Se eu deixasse sobrar a carne nos ossos quebradiços da ave, ele me encheria de sopapo.

Outra coisa frequente se dava quando eu estava entre grandes grupos. Se estivesse no meio de muitos colegas de escola ou se a família inteira se reunisse para um almoço na casa do parente que estava com o fígado comprometido, eu me sentia inesperadamente desamparado. Como se as conversas fossem todas inacessíveis, seitas privadas, eu não conseguia me inserir e a melhor recreação que me sobrava era imaginar se a calha frouxa cairia na minha cabeça e esmagaria meu cérebro, ou se o primo desastrado, que fazia graça com seu sedã, perderia o controle da direção e trituraria minha perna. De vez em quando, eu era notado pelo meu pai enquanto estava prognosticando

essas coisas fúnebres, e ele vinha na minha direção mancando (resquícios dos tempos de militar) e torcia os meus mamilos vesgos. Se eu chorasse, bastava ele me mostrar o cinto que estava sempre soterrado debaixo da barriga. Ninguém se livrava da autoridade da chefia. Para cada membro da família, havia o método de tortura específico, cuidadosamente estudado e escolhido através dos anos. Se o cinto de tachas prateadas era a minha punição por direito, seus punhos fechados eram de minha mãe e para minha irmã mais velha era garantida uma boa palmatória. Circulava encapotada a história de que Rúbia, minha irmã, havia caído morta depois de uma surra bem dada.

Meu pai gostava da televisão, não gostava dos livros, amava as armas, e por isso me ensinou a atirar, e abominava categoricamente qualquer evolução. Nos fins de semana em que andava comigo de carro até o campo, ele levava no banco de trás um pequeno arsenal de preciosidades. Depois de estacionarmos derrapando no topo da encosta, ele saltava do banco e distribuía cada uma das formas negras perfeitamente polidas sobre o capô do veículo, de forma que todos os canos estivessem arrumados sobre uma reta imaginária. Ele explicava que, apesar de a polícia não usar mais as de calibre 32, eram suas preferidas. Ensinou-me a amá-las. As pistolas 38 também tinham lugar especial sobre o veludo vinho do estojo. Para fingir conhecimento no assunto, eu falava que o calibre 22 era maneiro, por falta de um adjetivo melhor no meu enxuto dicionário. Eu gostava da espessura fina da munição e imaginava que ela se alojaria facilmente no vão entre as costelas, a um passo de promover a fatalidade. Meu pai ria do meu interesse, mostrando um exemplar podre no meio da sua arcada dentária pontuda.

Meu pai jamais foi prolixo nem muito interessado em assuntos que não as armas de fogo e as mulheres. Segundo o que ele me contava, havia desvirginado dezenas, purificado dúzias

e se divertido muito com muitas. É claro que minha mãe aceitava conviver com o seu adultério e acho até que gostava de vê-lo satisfeito com suas outras parceiras, porque na cama ela nunca demonstrou talento — palavras dele durante uma picuinha entre os dois. Dessa maneira, não era incomum a visão de garotas deixando a nossa casa enquanto afofavam o coque ou amarravam o rabo de cavalo de volta no elástico. Normalmente, minha mãe tentava, indiscreta, tirar a minha atenção, presentando-me com uma cuia de sopa e torresmos, mas eu sempre saltava da cadeira alta, ia à sala de estar e me despedia gentilmente das amantes do meu pai antes de terminar a refeição. Ele nunca as escoltaria até a porta, não, nunca. Certa vez, uma universitária lunática com quem ele havia se deitado perdeu a hora enquanto falava comigo sobre assuntos diversos — ela sonhava em se tornar uma famosa compositora de hinários. Foi expulsa inospitadamente pelo meu pai, que veio do quarto a passos largos ao ouvir sua amante cantando para mim o novo hino nacional que ela compusera para a Espanha; o atual já tinha dado o que tinha que dar, ela alegou. Pôs a louca para fora e ela nunca mais apareceu. As traições de meu pai prosseguiram descaradas mesmo após Rúbia, aos dezesseis, experimentar o sabor da terra cavada. O comportamento da minha mãe repentinamente mudou, como se o falecimento da filha anulasse todo o contrato de infidelidade que operava entre os dois; de súbito, ela queria ser acarinhada e mimada, esperando ser sua única fêmea. Ele se negava a aceitar, achando absurdo ter de aconchegar uma senhora, e, cansado do suplício febril e carente de minha mãe, socava-a na boca do estômago como um pugilista em seus melhores dias de ringue.

Mais ou menos a essa altura, ele contraiu uma doença e, como não era afeito aos hospitais, decidiu que se trataria em casa, curado pela solidão do sofá e pelos programas investiga-

tivos que eram transmitidos toda noite. Um dia me informou que eu deveria ficar com seu revólver favorito caso o pior lhe ocorresse. Sua pele vivia agora eriçada de calafrios, como se ele estivesse assentado o tempo inteiro dentro de uma banheira fria, abraçado a estalactites congeladas. Ocupava-se o dia todo no banheiro, humilhado pela falta de freio do intestino. Curvo sobre a própria mão que pressionava o abdome dolorido, meu pai bufava de ódio, mas não tinha medo da morte. Preferia o túmulo à fraqueza. Minha mãe chorava e o hidratava com soro caseiro — no qual eu ocasionalmente tentava enfiar o dedo. Ela vociferava e me enxotava com um empurrão no peito, não me deixando provar o que meu pai estava tomando, porque queria fraturar o amor entre nós dois.

Inutilizando todos os nossos esforços, meu pai morreu numa tarde de verão muito amarela; o calor era insuportável. Eu fiquei livre para outra vez encarar o fundo da louça e ver ali, projetada, a minha própria morte, mas me fazia falta a sua colherada amorosa de purê.

Ainda guardo, envelopado, o seu último documento. No obituário, a provável causa mortis: desidratação intensa. Nome do falecido: Alfredo Bérghamo. Idade de morte: cinquenta e um anos.